

CONSTELAÇÕES: A FECUNDAÇÃO DA POESIA DE ANTÓNIO RAMOS ROSA

Lívia Petry Jahn

Mestranda em Literatura Portuguesa e Luso-Africanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Este trabalho visa analisar o fazer poético de António Ramos Rosa em seu mais recente livro *Constelações*. Através da análise das metáforas de seus poemas, buscamos evidenciar a essência de sua poesia e também seus significados ocultos. Para tanto, utilizamo-nos de teóricos e ensaístas como Armindo Trevisan (2001), José Paulo Paes (s/d), Alfredo Bosi (2001), Edgar Morin (2001) e Gaston Bachelard (2001)

Palavras-Chave: Poesia portuguesa contemporânea. António Ramos Rosa – *Constelações*. *Constelações* – Crítica e interpretação.

Abstract: This paper aims at analyzing the poetic work of António Ramos Rosa in his latest book *Constelações*. We have tried to highlight the essence of his poetry and also their hidden meanings through the analysis of metaphors in his poems. In order to do this, we have used the work of theorists and essayists such as Armindo Trevisan (2001), José Paulo Paes (undated), Alfredo Bosi (2001), Edgar Morin (2001) and Gaston Bachelard (2001).

Key-words: Contemporary Portuguese Poetry. António Ramos Rosa - *Constelações*. *Constelações* – Criticism and interpretation.

A poesia e António Ramos Rosa

A poesia surgiu no alvorecer da humanidade como uma forma de *cantar* a memória de um povo e assim, eternizar essa memória. Versos e rimas tinham então uma função mnemônica e mais que isso, sagrada. A palavra era um dom divino e vinha constantemente acompanhada de rituais, canto, dança, música.

Com o surgimento da Renascença, essa palavra “sagrada” tornou-se “profana” e mais tarde, com o advento da sociedade industrial, tornou-se “prosaica”. Foi justamente contra o prosaísmo burguês que os Simbolistas no séc. XIX e os Surrealistas no séc. XX se insurgiram.

De acordo com Edgar Morin, “a primeira mensagem surrealista foi desprosaizar a vida cotidiana, reintroduzir a poesia na vida. “Para ele, a idéia surrealista é a de que a poesia extrai sua fonte da vida, com seus sonhos e acasos” (MORIN, 2001, p. 38-39).

Podemos inferir desta maneira, que a partir do surrealismo houve todo um movimento poético e literário que buscou alçar a vida ao *status* de poesia. Particularmente em Portugal, houve junto com o movimento surrealista, o movimento neo-realista, ambos influenciaram sobremaneira a poesia de António Ramos Rosa. Porém, não podemos chamar a obra poética deste escritor de surrealista, como chamaríamos a de seu conterrâneo Mario Cesaryni. Ainda assim, a poesia de Rosa tem ecos do surrealismo quando apresenta imagens originais e até certo ponto absurdas, quando desvela em seus versos o tanto que possui de devaneio onírico.

É mister notar que a poesia de António Ramos Rosa se afasta da de Cesaryni quando abarca elementos da natureza, do mundo concreto, do cotidiano. Em nenhum de seus poemas iremos encontrar um “quadrado de fogo”, mas certamente encontraremos “salmos de sílex e folhagens” ou ainda o “harmônio da montanha”.

Em sua trajetória, Ramos Rosa buscou sempre evidenciar as questões que tangenciavam seu tempo. Assim, durante a ditadura salazarista escreveu *O boi da paciência* e o *Grito claro* entre outros poemas e livros que através de suas imagens e metáforas denunciavam o cerceamento da liberdade em Portugal. Da mesma forma, ao longo das décadas, sua poesia foi amadurecendo e acompanhando as mudanças que se operavam no mundo. Assim é que nos dias atuais, numa sociedade altamente informatizada, onde a física quântica e a microfísica destruíram uma série de paradigmas mecanicistas e introduziram a noção de energia = matéria e transformaram as noções de espaço/tempo em ilusões, nessa sociedade pós-industrial, Ramos Rosa veio introduzir a novidade da poesia. Sua poesia transformou-se assim, num lugar de questionamento, de (in)certezas fugidias, de busca por aquilo que é essencial e nos faz humanos. Desta maneira, sua poesia acabou revelando também o próprio estado do fazer poético. E esse estado, onde o devaneio e o sonho andam juntos com a lógica e as palavras, é que se tornou objeto do seu fazer poético.

Constelações: a poesia como objeto da poesia

Assim, surgiu em 2005 o livro *Constelações* onde a poesia aparece como objeto da própria poesia, onde o eu lírico revela que tanto a poesia quanto o erotismo são duas faces de um mesmo amor. Portanto, a criação poética em Ramos Rosa se equivale à fecundação da mulher pelo homem. Ambos, poeta e amante, estão num estado de gravidez permanente. Gravidez no sentido de estar preparando uma nova vida, seja através do útero materno, seja através da escrita sobre a folha em branco.

Para o poeta não há distinção: tudo é criação, tudo vem da mesma fonte amorosa. Assim, aquele que escreve é uma espécie de Demiurgo, criador de mundos através de fórmulas mágicas. O poeta cria mundos e toca na alma do leitor utilizando-se de palavras, imagens, sons ritmados. São essas imagens trazidas da alma que António Ramos Rosa chama de “constelações”. Sim, o universo é feito de constelações de estrelas, mas no livro do bardo português as estrelas magicamente se transformam em imagens oníricas, originais, plenas de luz e sombra. Suas poesias são verdadeiras “lâmpadas dentro de outra lâmpada”, pois elas acendem o que estava apagado no espírito do leitor.

Através da junção de palavras aparentemente díspares, o poeta cria novas formas de dizer. Em seus poemas, vemos comumente unidos, a natureza, o homem e a escrita. No entanto, o homem aparece constantemente como o amante, aquele que se deleita nas carícias de um seio adolescente. Note-se, porém, que esse amante existe na medida em que o amor revela-se como criação poética. Assim, as palavras aparecem como a bela adolescente cortejada pelo poeta enamorado. O erotismo em Rosa surge dessa maneira como uma manifestação de um amor maior, transcendente, um amor que perpassa todas as coisas para instalar-se na linguagem. A linguagem aqui, como um reflexo da alma, da criação primeira.

Da mesma forma surge a natureza como um complemento da linguagem poética e como uma expressão primitiva do estado amoroso, do estado criativo. Assim, a natureza é ao mesmo tempo, expressão de um Éden perdido e buscado pelo poeta e imagem inaugural

da poesia. Não é à toa que seu livro chama-se *Constelações: constelações de estrelas/constelações de imagens poéticas*.

Finalmente a escrita surge como o ato amoroso por excelência. Ela é a expressão da criação em primeiro plano, expressão da imaginação do poeta. Desta forma encontraremos em seu livro uma série de metapoemas: poemas que falam das palavras, das sílabas, das metáforas, da própria escrita poética. O poeta surge assim, como um semeador de mundos por existir. Através de imagens, António Ramos Rosa busca desnudar a essência da poesia. E questiona até que ponto as palavras podem ser o “sêmen” que dá vida a novos universos, novas sensações, novas maneiras de conceber a linguagem. Assim, através da escrita e das metáforas o poeta questiona a própria poesia. A seus questionamentos respondemos com uma citação de Gaston Bachelard (1988, p. 3):

A poesia é um dos destinos da palavra. Tentando sutilar a tomada de consciência da linguagem ao nível dos poemas, chegamos à impressão de que tocamos o homem da palavra nova, de uma palavra que não se limita a exprimir idéias ou sensações, mas que tenta ter um futuro. Dir-se-ia que a imagem poética, em sua novidade, abre um porvir da linguagem.

Esse porvir da linguagem não apenas aponta um futuro para a poesia mas também lembra que toda escrita poética é um voltar-se para o centro de si mesmo, um recordar-se, no sentido de “trazer de volta ao coração” uma dada experiência (TREVISAN, 2001, p. 269).

A poesia é, então, uma re-experiência através da imaginação de um momento de deleite. Através do jogo metafórico de esconder/mostrar, (como bem aponta José Paulo Paes em seu ensaio sobre a pedagogia da metáfora), o poeta leva o leitor a re-descobrir sentidos no poema. Essa descoberta de sentidos é justamente o que dá ao leitor a sensação de fruição e prazer. António Ramos Rosa utiliza-se assim, de imagens geradoras de novos sentidos em seus poemas, deixando ao leitor a liberdade de fazer suas próprias inferências. São essas imagens e metáforas que iremos analisar a seguir.

Constelações: considerações para uma análise poética

Abordamos, a partir de agora, os vários aspectos da poesia de António Ramos Rosa, em especial o sentido metafórico de seus poemas e a metalinguagem da qual o poeta se utiliza para falar de poesia. Para tanto, elegemos um conjunto de poemas do livro *Constelações*.

“O mundo não é o mundo sem a cintilante caligrafia das constelações”
Essa plácida dimensão do longínquo é o grande leque da nossa respiração
liberta
À cinzenta ou solar monotonia diurna contrapõe-se o ouro trêmulo da
melódia dos astros
Vemos o universo como um grande veleiro sobre o veludo escuro do
firmamento
Podemos nós também ser os barcos silenciosos que navegam ao ritmo
redondo
das estrelas?
O corpo dilata-se como um harmônio perante a amplitude do espaço infinito
e sente a sua vocação universal crescer como um trigo do mundo
Entre as águas plácidas do sono e o remoto movimento das constelações
há a sintonia de um silêncio e a incessante germinação de uma palavra
inaudível
que é a origem de todas as palavras que buscam a rosácea da harmonia de um
horizonte novo (ROSA, 2005, p. 57).

Nesse poema, António Ramos Rosa aproxima o movimento do universo e dos astros a uma “caligrafia das constelações”, caligrafia essa de onde surge o mundo. Essa dimensão do longínquo, mas também do próximo é o que faz pulsar a vida, e com ela a nossa “respiração liberta”. Como um navegante da vida, o poeta aproxima o universo da imagem de um “grande veleiro sobre o veludo escuro do firmamento” e os homens a “barcos silenciosos”, navegando “ao ritmo redondo das estrelas” (p. 57).

Essa imagem nos remete diretamente à história de Portugal, aos seus marinheiros e navegadores, à Escola de Sagres, aos Descobrimentos, mas também contém em si uma pluralidade de significados outros que nos fazem pensar na finitude humana frente ao infinito do cosmos.

Nos versos seguintes, Rosa compara o corpo a um “harmônio”, a um “trigo do mundo” na sua vocação de crescer e de refletir o “espaço infinito” que o cerca. É a partir desse corpo entre o sono e a vigília que irá surgir na “sintonia do silêncio” a “germinação da

palavra inaudível.” Essa palavra irá dar origem a todas as outras palavras e por isso, irá fazer nascer um “horizonte novo”, um mundo ainda por criar: o mundo do verbo.

“Ver as constelações é respirá-las e ver todo o firmamento”
é ondular na grande barca musical e silenciosa
de tão delicados diademas cintilantes
Também quando se escreve se respira o fulgor novo
das palavras que se ordenam em constelações fugazes
sobre a brancura da página inabólvél
Quem escreve não é ninguém já não pertence
à obstinada urgência dos cinzentos transeuntes
A sua energia é lenta ora fulva ora branca
e às vezes de um azul tênue ou de um vago lilás
Nada está prescrito tudo o que se escreve é o leve deslizar
das constelações que não estavam inscritas num céu subterrâneo
Quando a sutil ponta da caneta toca a página
o que está por dizer é tudo e é o tremor do nada
e assim como do peito de uma guitarra estilhaçada
saem as notas inesperadas de uma noturna melodia
de uma coerente delicadeza delicadamente incoerente
como as constelações gratuitas que não têm sentido
no jogo absoluto de um prestidigitador universal (ROSA, 2005, p. 59).

Neste poema ver e respirar são uma só ação, ou seja, aqui o olhar e o existir se equivalem, inclusive no momento em que o homem se depara com a “barca musical e silenciosa” das estrelas. A respiração usada para ver as constelações do firmamento é a mesma de quando se escreve. Porque ao escrever, respira-se “o fulgor novo das palavras”, criam-se novos mundos, novas “constelações fugazes” sobre a “brancura da página”. Escrever é desta maneira, criar e ordenar o cosmos. Sair do caos do silêncio, da não-comunicabilidade para a ordem do verbo, da linguagem (ROSA, 2005, p. 59).

E quem escreve insere-se num novo patamar da existência: já é “ninguém”, já “não pertence à obstinada urgência dos cinzentos transeuntes”. Aquele que escreve, por ser criador, está num plano mais sutil, fora do cotidiano, num outro ritmo, numa outra energia que é “lenta, ora fulva, ora branca”. E tudo o que se escreve é um “deslizar das constelações que não estavam inscritas num céu subterrâneo”. Assim, quando a “sutil ponta da caneta toca a página / o que está por dizer é tudo e é o nada.” A escrita tem a propriedade da criação, a palavra é criadora do universo, é o gérmen da existência das coisas. Através da nomeação o homem conhece o mundo. Através da linguagem, o homem cria sua história. Como o “aleph”, a primeira letra do alfabeto, a palavra

também vem do Nada Absoluto e cria o Cosmos humano. Um cosmos que é como um “jogo absoluto de um prestidigitador universal”.

“A página aguarda o harmonioso harmônio das constelações”
que vibrem com o sêmen fugidio das sílabas
Elas oferecem o peito adolescente à sequiosa mão
que nele acaricia o indolente veludo antiqüíssimo
de uma corola materna de matéria celeste
E então as palavras correspondem às estrelas e planetas
no seu intermitente deslizar sobre um tecido macio e róseo
Elas ascendem com o odor dos bosques submersos
e na sutil leveza de translúcidas balanças
pesam o gracioso ardor de pássaros frenentes
De sílaba a sílaba numa incessante cópula
penetram nas suas grutas verdes
e erguem-se como torres de lava harmoniosa
A sua lucidez obscura ou luminosa tem felina leveza
de um dardo vegetal ou de um pássaro de seda
O seu movimento é de surpresa em surpresa
e o que elas mostram são lascivas figuras
de um mesmo corpo em que as constelações cintilam (ROSA, 2005, p. 60).

A página em branco é comparada à mulher virgem que espera para ser fecundada com o “sêmen fugidio das sílabas”. No terceiro verso, as sílabas também são comparadas ao peito adolescente que se abre para as carícias de uma mão que busca nele a “corola materna da matéria celeste”. Há nestes versos uma erotização da palavra, uma aproximação entre o ato amoroso de encontro dos corpos e o ato amoroso da criação verbal. Ambos se equivalem para o poeta. Tanto é assim, que as palavras “pesam o gracioso ardor de pássaros frenentes / de sílaba a sílaba numa incessante cópula/ penetram suas grutas verdes/ e erguem-se como torres de lava harmoniosa” (p. 60).

Desta maneira, as palavras-pássaros em sua incessante copulação vão deslizando na página, abrindo-a a novos sentidos. Como o homem fecunda a mulher, a mão do escritor fecunda o poema com uma “felina leveza” de “um pássaro de seda”. E as palavras são como amantes, como “lascivas figuras de um mesmo corpo em que as constelações cintilam”.

“Saúdo o que não conheço”
o inominável obscuro
com palavras da mais pura incoerência
ou que desejariam sê-lo e são ainda a trama demasiado consistente
por onde não passa o fulgor verde da matéria submersa
Ah nós vivemos e morremos sem conhecer

a glória da identidade intangível
na sua secreta continuidade sob o manto do olvido!
Procuramos uma abertura para o bosque interior
e tentamos abrir o diafragma levemente
para que a transparente rosa da respiração floresça
Desejamos o acorde tímido e total
em que o corpo se transmude numa pura coluna branca
e todas as suas portas se abram para que a divindade não encontre fronteiras
entre o nosso frágil abandono e a sua substância gloriosa
Em cada hausto procuramos a unidade pura
em que o nosso hálito se confundiria com o sopro cósmico
como uma constelação à plácida baía das águas superiores (ROSA, 2005, p. 65).

O poeta saúda o desconhecido ou ainda, o incognoscível com “palavras da mais pura incoerência” ou que “desejariam sê-lo”, mas ainda são a “trama demasiado consistente” por onde o “fulgor verde da matéria submersa” não ousa passar. As palavras aqui, não atingem o que está para além delas, Deus, ou o inominável. Elas ainda são a matéria densa dos sonhos humanos, ainda não alcançaram os sonhos de Deus. Assim, o homem vive e morre sem conhecer a essência de si mesmo, mas apenas o que sua consciência permite conhecer. Este, o dilema que o poeta traz do sexto ao oitavo versos de seu poema. O dilema de jamais atingirmos essa “identidade intangível” que continua “secreta sob o manto do olvido.” O poeta pode apenas nos dar um vislumbre do que procuramos: “uma abertura para o bosque interior”. Ou então, um vislumbre do que desejamos: “o acorde tímido e total”. Em seus versos, o poeta canta o corpo que para receber a divindade, deve transmutar-se numa “pura coluna branca” para que não haja desta maneira, “fronteiras” entre nosso “frágil abandono e sua substância gloriosa”. E fala da incessante busca humana pela “unidade pura”, em que “nosso hálito se confunda com o sopro cósmico”, “como uma constelação à plácida baía das águas superiores” (p. 65).

Note-se que neste poema de tom metafísico, a imagem da constelação já não aparece como metáfora da criação das palavras, mas como metáfora da própria existência humana, de sua finitude perante o infinito de Deus.

“Talvez a simplicidade nunca seja atingida”
porque a nudez está entre a ficção e o real
Só o delicado amante que toca o núcleo ardente
conhece as constelações da barca enamorada
O ouvido não é um caracol de veludo

e por isso não conhece o equilíbrio do silêncio
A pupila adere à brancura côncava
mas não vai além dessa fronteira próxima
Que ao menos o poema se desfaça e respire
deixando apenas um terraço vazio
Que ele reúna a chama e o grito numa lâmpada
de cristal e uma sombra se mova como uma lâmpada na lâmpada (ROSA,
2005, p. 77).

Nos dois primeiros versos o poeta canta a impossibilidade da simplicidade pelo fato de haver um hiato, uma nudez que só se encontra no intervalo entre a ficção e o real. O canto só existe naquilo que é sonho, devaneio - nem realidade concreta, nem completa ficção – mas um misto de ambos: experiência e criação imaginativa. Sendo assim, o poeta é como o amante que ao tocar o “núcleo ardente,” conhece as “constelações da barca enamorada.” Ou seja, através da metáfora, o poeta é capaz de tocar a alma de quem o lê, o “núcleo ardente”; pois ele, através das palavras, conhece o que vai no espírito humano, na “barca enamorada”. Assim, Antônio Ramos Rosa faz uma aproximação entre o ato da entrega amorosa e o ato da criação poética, que em outra instância, não deixa de ser uma entrega amorosa através das palavras (p. 77).

Em seguida, o poeta recorre aos sentidos: a audição (que desconhece o silêncio); a visão (que também comporta fronteiras), para mostrar que o poema existe para além dos sentidos. Assim, Rosa clama que o poema se “desfaça e respire”, deixando apenas um “terraço vazio”. O poema é desta forma, o próprio existir, o ato de respirar. Ele está acima e além dos cinco sentidos, ele é a própria essência do homem, o “terraço vazio” de onde surgem todas as imagens, todas as metáforas, todos os versos e canções de gesta.

Desta maneira, só resta clamar nos dois últimos versos que o poema “reúna a chama e o grito numa lâmpada / de cristal e uma sombra se mova como a lâmpada na lâmpada.” A chama é aqui a metáfora do espírito criador; o grito, a metáfora da voz do bardo; a lâmpada, metáfora para a imaginação poética: as ideias e imagens que circundam o poeta no momento da escrita. Leia-se neste verso: a união do espírito criador com a palavra (voz) resulta na criação de imagens e ideias originais que se transformam em poesia. A poesia é a “lâmpada na lâmpada”, a “sombra que se move” quase

imperceptível. A poesia é então, o obscuro objeto de nossos sentidos, a sombra que toca nossa alma sem percebermos, e ao mesmo tempo, o brilho da luz: a luz da imaginação.

“Em que esfera”
estão as constelações? No útero frutuoso
ou na placidez das cisternas aéreas?
Poderá a palavra ser o beijo noturno
ou o esperma
como um ágil ginasta
atravessando a lentidão da noite?
Será necessário que esta mão esta arbitrária aranha
tente contornar o alcantil
onde soçobrou a mecânica violência dos coleópteros brancos?

Há talvez outro caminho
tão leve como um pulso ou uma sílaba
para onde as constelações convergem como irmãs
e onde nós veríamos o sentido cintilar numa dança frágil

Se as encontrássemos
poderíamos beber o leite puro e comer os frutos preciosos
a uma longa mesa sob a frondosa folhagem de uma árvore
e de novo a terra seria materna na sua adolescência cálida
e de novo ouviríamos como um salmo de sílex e verdura o longo
harmônio da montanha (ROSA, 2005, p. 85).

Nos primeiros versos o eu lírico pergunta-se onde andarão as constelações: “no útero frutuoso ou na placidez de cisternas aéreas?” Entenda-se aqui a palavra “constelações” não só como um conjunto de estrelas, mas como metáfora da criação poética, como constelações de imagens e de sons, antes de qualquer outra coisa. Assim, o “útero” e a “cisterna” seriam também metáforas para o ato da criação e poderiam equivaler-se à pergunta: de onde vem a criação, do corpo ou do espírito?

Em seguida, temos uma outra pergunta que também é feita em versos: “poderá a palavra ser o beijo noturno / ou o esperma [...] atravessando a lentidão da noite?” Note-se a erotização da palavra: ela é beijo e esperma. Ela é, assim, uma entrega amorosa (beijo) e também a fonte da vida, fonte da criação (esperma). Dela surgem todas as outras coisas, da palavra nascem mundos, nascem poemas. Mas a palavra não existe sozinha: ela depende da mão do escritor, essa “arbitrária aranha” que tece teias de sons e sentidos no lugar da página em branco.

Na segunda estrofe do poema, o eu lírico fala deste outro caminho, “tão leve como um pulso ou uma sílaba” para onde convergem as constelações e onde “nós veríamos o sentido cintilar numa dança frágil”. Eis aí, o caminho do devaneio poético, leve como um sonho, cheio de imagens onde os sentidos se abrem em várias direções, feito pétalas de uma rosa desabrochada.

Na terceira estrofe do poema o poeta cria através de imagens, uma metáfora do Paraíso, da Idade de Ouro. Porém, esse paraíso é alcançado através das próprias “constelações de imagens”, através da própria poesia. Assim, se as encontrássemos (as constelações poéticas), “poderíamos beber o leite puro e comer os frutos preciosos [...] / e de novo a terra seria materna na sua adolescência cálida / e de novo ouviríamos como um salmo de sílex e verdura o longo harmônio da montanha” (p. 85).

Conclusão

Podemos inferir através da análise desses poemas o papel relevante que o mundo natural, o erotismo e a metalinguagem têm na poesia de António Ramos Rosa. Como já referimos no início deste ensaio, sua poesia baseia-se não só no questionamento sobre o próprio fazer poético como também reflete uma visão quase transcendente da criação escrita. É em *Constelações* que o poeta aproxima o próprio ato amoroso da fecundação ao ato da criação poética. A escrita, a seu ver, seria ela também uma forma de fecundação: fecundação de imagens, de sentidos, de linguagens. Por isso dizemos que António Ramos Rosa mais do que escreve, fecunda poesias em seu livro. Porque suas poesias abrem-se em metáforas e num grande leque de sentidos. Neste trabalho, buscamos remeter a alguns desses sentidos e desvelar assim, uma série de imagens poéticas presentes nos seus poemas. Para tanto, nos utilizamos do referencial teórico de Gaston Bachelard, Edgar Morin, Armindo Trevisan, José Paulo Paes e Alfredo Bosi.

Segundo esses autores, toda poesia é uma forma de desvio, de rompimento com a fala cotidiana. E é também uma maneira de causar estranheza no leitor, de surpreendê-lo, de fazer com que ele se reconheça no poema e ao mesmo tempo se afasta do lugar comum, do lugar de equilíbrio que o prosaísmo propicia. A poesia é, antes de tudo, “uma

pergunta, uma interpelação que ressoa, um chamado aos ânimos e aos espíritos” (BOSI, 2000, p. 17). É essa pergunta que António Ramos Rosa nos convida a responder, a interpretar através de imagens, metáforas, sons, poesia fecundada sobre a folha de papel em branco.

Referências:

- BACHELARD, Gastón. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PAES, José Paulo. *Armazém literário*. São Paulo: Companhia das Letras, [s. d.].
- ROSA, António Ramos. *Gênese seguido de Constelações*. Lisboa: Roma, 2005.
- TREVISAN, Armindo. *A poesia: uma iniciação à leitura poética*. Porto Alegre: Uniprom, 2001.